

## O EXERCÍCIO DA SENSIBILIDADE: PESQUISA QUALITATIVA E A SAÚDE COMO QUALIDADE.

*Rubens de Camargo Ferreira Adorno\**

*Ana Lúcia de Castro\*\**

*"O conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo como a si mesmo, como parte integral deste processo."*

*Anthony Giddens*

**Resumo:** O artigo procura discutir a inserção do termo "qualitativo" nos focos de discussão metodológica no campo da saúde pública, situando essa questão em três níveis: sua vinculação à recorrente discussão entre positivismo e sociologia crítica; as demandas existentes na área de saúde que legitimam o apelo a alternativas metodológicas, e a relação deste qualitativo com propostas do trabalho de campo na antropologia. Refere, ainda, à necessidade de construção de um referencial metodológico que incorpore a sensibilidade do investigador, na atual crise de paradigmas decorrente, em boa medida, da fragmentação e heterogeneidade contemporâneas.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho busca contribuir para a reflexão acerca da "pesquisa

---

\* Professor Doutor Departamento de Prática de Saúde Pública - FSP/USP.

\*\* Mestre em Antropologia. Técnica Especializada Departamento de Prática de Saúde Pública - FSP/USP.

qualitativa" no campo da saúde pública. A preocupação com o trabalho de campo, a pesquisa domiciliar, ou ainda o "contato com populações" esteve presente na história do "sanitarismo", resultando na demanda por "técnicas de abordagem", ou "técnicas" de elaboração de instrumentos de abordagem de populações. Esta preocupação, entretanto, circunscreveu-se ao nível das técnicas e não ao método enquanto reflexão teórica acerca da abordagem e do desenho da pesquisa.

Cabe esclarecer, inicialmente, que o método aqui é entendido como o exercício reflexivo de apreensão de uma dada realidade, ou como a expressão da relação sujeito/objeto, isto é, da forma como o pesquisador enquadra a realidade e nela se enquadra. Certamente, a história da inserção das ciências sociais no campo da saúde passa pela compreensão de que um dos papéis deste campo do conhecimento se refere às "respostas metodológicas" ou ao fornecimento de "instrumentais" para o problema de como "abordar e pesquisar pessoas". Contudo, seu papel não se restringe e não pode ser reduzido a esse aspecto. Por outro lado, são várias as demandas e o imaginário a respeito das "ciências sociais" por parte da área da saúde pública; o próprio termo "ciências sociais", nesse campo, conota a idéia de uma coisa só, um bloco, que significa alguma coisa em seu conjunto, a respeito da qual não se faz distinção.

Em termos da "metodologia", uma das "pontes" possíveis entre as ciências sociais e o sanitário residiu, como foi dito, na experiência do trabalho de campo. O trabalho de campo pode ser uma experiência sociológica, ou antropológica; no entanto vem sendo tratado enquanto técnica, na área de saúde, como atividade de observação, contato com o "objeto"- leia-se as populações - ou de levantamento, sem que se considere a experiência que essas disciplinas tem a contar. As referências a técnicas como o "Rap" - Rapid assessments procedures (CHAMBERS, 1981), a "grupos focais" (GLICK & GORDON, 1988), e recentemente à "triangulação", vêm sendo incorporadas ao discurso da saúde pública como

"técnicas" sem que se faça a necessária distinção ou contextualização das mesmas. Assim, vão padecer da mesma crítica que a própria área da "saúde pública" recebeu: a de reduzir coisas de diferentes mundos e pesos, como o "meio físico" e os indivíduos, a uma equação técnica, desconsiderando especificidades e singularidades não só na expressão como no surgimento dos problemas de saúde.

### UMA ENTRE TANTAS QUERELAS....

A referência ao uso de "métodos qualitativos" já faz parte do campo de pesquisa da saúde pública e vem se incorporando também às chamadas "ciências sociais aplicadas". Na medida em que o termo "qualitativo" logrou ganhar espaço, alimentou-se a discussão em torno da questão da "validade" ou validação de seus resultados

Não se trata aqui de discutir a questão falaciosa da oposição entre técnicas quantitativas e qualitativas, que é uma reação entre as tantas presentes em um campo que abrange várias disciplinas. Como bem demonstrou o trabalho de MINAYO e SANCHES(1993), há uma singularidade em cada uma das técnicas, o que aconselha a uma complementaridade das duas abordagens metodológicas, no que se refere à construção de desenho da pesquisa. Na verdade trata-se da reapresentação de fundo epistemológico, que destaca um caminho empiricista e experimentalista, por um lado ( que vem sendo chamado de "positivismo", ou de "neo positivismo" no caso mais recente) e a posição que defende uma "postura crítica", presente nas "ciências humanas" e em particular na sociologia "interpretativa", ou "crítica", que se refere à ciência como uma construção analítica e não apenas descritiva da realidade.

O que se pretende introduzir como discussão no espaço desse artigo, refere-se ao fato de que, além dessas questões de "fundo metodológico", a própria

condição do método encontra-se hoje em discussão, em função do que vem sendo chamado de "crise de paradigmas" (mais expressamente das ciências sociais), ou de uma crise de interpretação em torno de modelos cristalizados. E essa crise aponta para uma busca de resposta, ou para colocação de perguntas, de ensaios e não necessariamente para uma resposta definitiva. Nesse sentido, novos conceitos, ou novas "ondas metodológicas" buscam situar-se de um lado ou de outro, colocando-se na continuidade das tradições de visão da ciência, que marcaram o seu advento e a sua crítica.

A discussão a que nos referimos acerca do uso do "qualitativo", vem sendo retomada, na ótica da oposição entre dimensão empírica e a interpretativa, com o uso do termo **triangulação\***, numa perspectiva que propõe a sobreposição de uma análise unidimensional, alicerçada em índices da realidade, a uma análise multidimensional, ou do **contexto**. A **triangulação**, como recomendação metodológica, em termos formais, prescreve que a utilização de multimeios garantiria uma maior validade aos dados. Nesse sentido, o raciocínio empreendido é o de que a fraqueza, defeito ou problema de operacionalização de um método seria compensado pelas características de outro; nesse caso poder-se-ia pensar, quando se trata de levantamento de óbitos por determinada doença, por exemplo, em se utilizar dos prontuários médicos, juntamente com entrevistas com agentes de saúde, familiares e outros registros.

Trata-se, portanto, de uma atualização do debate "positivismo" X "sociologia crítica": longe de se considerar que o uso de múltiplas técnicas não seja enriquecedor para a pesquisa, o ponto de partida ou de destaque colocado na defesa da triangulação reside nas "técnicas" e na idéia de validação da pesquisa através da aferição de uma técnica por outra.

---

\* A esse respeito, vide JICK, T. D. (1983)

Na discussão que vem se travando em torno do conceito de triangulação, surgiu também a defesa de uma opção interpretativa, que alicerça-se na fenomenologia, tendo como base a noção de construção do conhecimento a partir do **contexto**.

A idéia de **triangulação**, como estratégia metodológica para o estudo do contexto, tem como princípio a noção de que as ações sociais, assim como as falas, têm que ser referenciadas a uma situação específica, local ou histórica, em que se expressam os conflitos, as demandas, as representações em torno das relações sociais. A garantia da validação ou validade, deixaria de se colocar através da aferição de índices, ou da expressão estatística da coerência entre diferentes recortes do objeto dentro da pesquisa, para tornar-se a análise das relações do contexto com as ações, realizada a partir de enquadre de maior amplitude do problema de investigação.

Cabe lembrar que essa recomendação "metodológica", antes de ser discutida como "técnica" de validação, pode ser aferida na trajetória das próprias ciências sociais e mais especificamente da antropologia, tanto em sua acepção clássica, a etnologia de Malinowski, como naquela que foi realizada no terreno urbano, nos Estados Unidos nos anos 30 e 40 (GANS, 1962). Essa tradição pode ser vista como um exercício de muitas e sucessivas "triangulações", as quais se colocam necessariamente como a busca da validação. Ou seja, a qualidade que tem as "ciências sociais", e singularmente a antropologia, de portar um conteúdo que, se apresentando como heurístico, foi entretanto produzido por sucessivas buscas e movimentos, de observação e de "insights" diante de seus objetos, cruzando-se, "triangulando-se" com o marco maior, a borda das "sociedades ocidentais", que mesmo ali do lado, ou presentes nos espaços transoceânicos, se fez parte da interpretação local.

Vale lembrar que a discussão também encontra-se registrada por BECKER, em capítulos de seu livro recentemente publicado no Brasil (1993), registrando o debate que já ocorria nos anos 50 a respeito das "técnicas" utilizadas no trabalho de campo qualitativo. Becker demonstra que nesses estudos existem "índices" sensíveis para captar a realidade, índices que situam o pesquisador em função da veracidade das falas, ou da escolha de interlocutores.

A referência à triangulação e ao uso de multimeios, pode também oferecer uma discussão em relação aos estudos epidemiológicos, e a retomada de estudos de caso, em que predominam a descrição clínica. A importância que adquirem as técnicas, e seu uso multivariado, se sobrepõem à própria construção de um conhecimento acerca da observação dos casos, a uma construção que possa ao menos cingir a fenomenologia, de estabelecer relações com o contexto.

Enfim, reiterando que não se trata de desvalorizar a pertinência do uso de vários meios para empreender o trabalho de pesquisa, trata-se de alertar para o fato de que a amplitude técnica não significa tábua de salvação.

## INDIVIDUAL E COLETIVO

O que pensamos aqui a propósito das "metodologias qualitativas", é que o confronto dos temas tradicionalmente ensejados pelo campo da saúde com as aventuras metodológicas, de enquadre propostos pela antropologia, encontra-se no centro do desafio atual, o que diz respeito à discussão sobre o próprio projeto inacabado, ou inconcluso da modernidade.

Atualmente, colocam-se como latentes no campo de discussão da saúde questões como: a perspectiva de aproximação de espaços, o convívio da doença com a saúde, a busca de qualidade mais do que quantidade, a dimensão

## O Exercício da Sensibilidade

---

transnacional dos fenômenos de saúde, a constatação afinal de que a perseguição da saúde não se resume à diminuição quantitativa das doenças, e o fato de que a riqueza e as tecnologias não significam o término das desigualdades. O que tem se verificado é que, com o processo de "globalização", ao invés da atenuação dos contrastes, esses vêm aparecendo e se expressando em um maior campo de ressonância, levando a um efeito paradoxal. O próximo se torna distante e o distante se torna próximo; a pobreza, antes do "terceiro mundo", atinge ruas do dito "mundo desenvolvido"; o conflito do "leste" atravessa a sala de TV dos países da periferia do sul; a periferia não é só o espaço da exclusão dos serviços, mas também um espaço em que se realiza o consumo.

Como decorrência desses processos, percebe-se a ampliação do campo temático e do próprio sentido de entendimento da saúde das sociedades. De modo que, ao lado de uma recuperação do indivíduo, ou de uma sociedade cada vez mais voltada para os indivíduos, está a produção de um campo, de uma zona de demandas e conflitos que são essencialmente sociais.

Nesse sentido, vale lembrar Boaventura de SOUZA SANTOS (1995), que sugere que a atual busca do "micro", realizou uma publicização (termo nosso) do indivíduo, ou de que apesar de um movimento para as singularidades nunca estivemos tão inclusos em um contexto global, que delimita terrenos, discussões polêmicas sobre a ética, a intimidade, o uso dos desejos, o que leva a politizar problemas antes restritos à esfera privada.

Assim, destacamos que no entendimento da questão da saúde, podemos vê-la tratada, entre outras, nas seguintes direções:

1- na direção sinalizada por uma postura existencial, fenomenológica, que valoriza o fato da relação entre saúde-indivíduo como uma questão de natureza singular: a forma como os indivíduos vivem a sua doença, a forma como

vivem - sem pleonasma - **sua vida e sua morte**. Essa postura ganha contornos e interesse na esfera da saúde contemporânea que enseja, por um lado , a corpolatria, isto é, a produção do indivíduo através da imagem do corpo, por outro a perspectiva da vida ameaçada: a violência, os acidentes, a AIDS, as ameaças contidas no lazer e no prazer. Iluminar experiências, e trajetórias individuais, mesmo que em termos ensaísticos, vem delineando um interesse latente na cultura contemporânea: destacar a experiência da doença, da ameaça e dos indivíduos e a experiência do corpo, da existência.

2- na direção que enfatiza a relação entre os serviços, as políticas e os indivíduos e grupos, descrevendo e interpretando os modos de gerenciar a atenção, as causas, a prevenção; esta direção, que se coloca na herança mais direta da saúde pública, incorpora a idéia de qualidade e de pluralidade de meios, terapias, modelos de assistência. A própria idéia de "qualidade" vem implicando numa ampliação da discussão no interior do campo da saúde: a qualidade de vida como construção da vizinhança, da cidade, do acesso, da possibilidade do consumo, e de possuir várias identificações. Em decorrência desta ampliação, tem-se a incorporação de temas cotidianos - que se relacionam a estilos de vida - ao campo da saúde pública: consumo, drogas, violência, ecologia, qualidade urbana,

Nesse sentido, o "trabalho de campo" conclui um movimento que partiu dos "índices" para a fala, com seus conteúdos e suas representações simbólicas, revalorizando um aspecto da herança clássica da antropologia: o fato de "estar lá", "testemunhar", "participar", "estar presente". Hoje se valoriza esse aspecto na pesquisa: o conhecer rompe barreiras com o testemunhar, o falar é estar participando da construção de um objeto, é trazê-lo a público. Desta experiência, como tantas, que envolve sair do espaço linear e finito do trabalho específico intra-muros para um espaço além, que, mesmo vizinho, porta outro lado do mundo.

### PARADIGMAS MODERNOS PARA REALIDADES PÓS-MODERNAS OU PARADIGMAS PÓS-MODERNOS PARA REALIDADES MODERNAS?

Como foi colocado no início deste artigo, o método expressa a forma como o pesquisador enquadra o objeto (a realidade social) e nele se situa. Pois bem, seria possível, hoje, falarmos, com segurança, a respeito das relações sociais e da sociedade? Que certezas as ciências sociais oferecem hoje acerca do novo contexto mundial, ou global, que vem colocando em cena um modo de produção com características de novo tipo, formas de sociabilidade outras e conflitos sociais fragmentados, dispersos, que fazem o conflito capital/trabalho, originário de uma das grandes metanarrativas da modernidade - o marxismo - perder sua posição de centralidade?

Se é possível apontar uma certeza, ela reside na afirmação de que a sociedade vem se complexificando e se fragmentando de forma crescente e que as recentes mudanças colocam em cena, ao lado das antigas contradições e velhos problemas, novos cenários e novas questões a serem desvendadas e discutidas. Contudo, a forma de entender e denominar essa nova condição é bastante diversa e está ligada à discussão acerca da continuidade ou da ruptura com relação ao projeto da modernidade trazidas pela pós-modernidade. Pós-industrialismo, pós-modernidade, globalização, mundialização são os principais nomes que aparecem no panteão representativo do esforço de identificar e nomear a nova condição. Afinal, como afirma o ditado popular nordestino, *existindo o nome, existe o bicho...*

Assim, várias são as tentativas de apreender a tão propalada fragmentação presente na contemporaneidade. Claus OFFE (1989) parte da discussão acerca da perda de centralidade da categoria trabalho enquanto HABERMAS (1987) remete a discussão à crise da utopia do trabalho autônomo ou liberto da dominação, que não necessariamente significa a crise das utopias.

GIDDENS (1991) e FEATHERSTONE (1995), por seu turno, se colocam numa perspectiva que aponta para o fato de que a realidade chamada pós-moderna não representaria uma ruptura com o projeto e com as instituições da modernidade, mas uma preponderância da cultura, da esfera do consumo e suas representações, bem como de novas percepções de tempo e de espaço. Frederic JAMESON (1985) e David HARVEY (1992) partem da idéia de que a fragmentação da realidade pauta-se nas transformações sofridas no plano da infra-estrutura (acumulação flexível, nichos de mercado, desterritorialização da produção e do consumo), numa perspectiva que, fiel à tradição marxista, aponta para a idéia de que a complexidade da base estrutural conduziria a comportamentos fragmentados.

Andréas HUYSENS (1991) apontará para a discussão da pós-modernidade como decorrência da eclosão da problemática da alteridade, reforçada pelos movimentos de afirmação de identidades (sexuais, étnicas, raciais, ecológicas), movimentos esses que conduzem ao questionamento da proposta contida no projeto iluminista, (ou no projeto da modernidade), enquanto portador de uma razão branca, masculina, burguesa e ocidental. Assim, nessa perspectiva, a pós-modernidade estaria ligada à crise do projeto da modernidade, impondo a necessidade de revê-lo criticamente.

Se em sua origem (as ciências sociais nascem com a afirmação da modernidade, assim como o sanitarismo) havia plena certeza e segurança acerca do objeto das ciências sociais (seu funcionamento e suas relações com os demais campos do conhecimento, permitindo ao pesquisador definir seu enquadramento) hoje, com a complexidade da sociedade contemporânea, mais do que nunca o pesquisador deve esforçar-se em aprender a lidar com o incerto, o descontínuo, o flexível, o plural e o escorregadio. Cada vez mais a velocidade e a fugacidade ganham terreno no espectro do conhecimento e da vida cotidiana. Ou seja, algo na sociedade mudou; assim, a forma de abordá-la e sobre ela se debruçar como

pesquisador deve ser outra, impondo-nos a necessidade de repensar o método, a relação sujeito-objeto, a pesquisa. Com os paradigmas da modernidade intactos não é possível ler e interpretar a realidade contemporânea.

Talvez a atual realidade fragmentada e a ausência de referências fixas esteja associada ao fortalecimento da antropologia, enquanto campo de conhecimento, nesse final de século, uma vez que o exercício antropológico carrega, necessariamente, a experiência da intersubjetividade, que conduz à revisão do sentido dado às coisas, podendo corresponder à necessidade de se situar, de achar um espaço específico na multiplicidade de espaços presente na contemporaneidade fragmentada. Recentemente, ao menos aparentemente, tem-se sentido, a partir da escolha de temas de Mestrado, uma vontade de pesquisar temas mais abrangentes, diversificados. Que fatos podem estar relacionados a essa busca pela pesquisa, pelo conhecimento? Acreditamos na hipótese de que a pesquisa, tal qual é demandada e situada nos cursos de pós-graduação de saúde pública, parece uma busca de comunicação, de entendimento das coisas; uma forma de agir interagindo sobre elas, associada à crença de que antes é preciso conhecer e que conhecer é uma forma de estar atuando.\*

Esse "atuar", pode partir de uma insatisfação com o trabalho monótono e cotidiano nas instituições, e estar ligado a uma vontade de procurar algum terreno em que se faz possível sistematizar, dizer algo sobre um assunto, ou tema, que é percebido mas não tem espaço para ser tratado. Os temas dizem respeito tanto ao peculiar, à singularidade de um problema (uma doença, um comportamento, uma questão de gênero), como remetem à forma da sociedade tratar, interpretar ou gerir estes problemas. O indivíduo e as questões sociais, o indivíduo e os movimentos sociais são outras pontes possíveis, que se expressam como temas na

---

\* Não podemos deixar de referir a atual crise do mercado de trabalho, que tem também levado muitos profissionais a cursarem o mestrado como alternativa de renda.

área de saúde pública.

Essas questões nos remetem , mais uma vez, à antropologia, como exercício que coloca frente à frente a experiência de dois mundos. A pesquisa é uma forma de intervir, sem dúvida, se nossa consciência a respeito disso for provocada; de intervir não só sobre o campo da pesquisa, mas também sobre nossas percepções a seu respeito.

Sem "jogar fora a criança com a água do banho", isto é, sem desprezar os ideais de igualdade, justiça, autonomia, respeito às diferenças, presentes no arcabouço teórico da modernidade, cabe agora propor novas direções, que certamente passam pela construção de uma ética, entendida não só como construção de princípios, mas como exercício de uma certa sensibilidade, que tem como referência a experiência de "mundos opostos", numa perspectiva que aponte para a "transposição dos mundos", como movimento que estimule a mudança e, como coloca Kroeber, citado por GEERTZ (1988), afete o sentido dado às coisas, isto é, conduza à redefinição da leitura que fazemos do e da forma como nos colocamos no mundo.

Assim como Walter BENJAMIN (1991) olhava para a experiência do "urbano", da "massa" e do "choque" nela presente como algo que imporia a necessidade de desenvolver uma nova sensibilidade, podemos olhar para os problemas emergentes de saúde pública - a ameaça da vida, do envelhecimento, da doença aniquiladora, do prazer e de seu definhamento, das novas sensações e das outras tantas violências - sem que tenhamos nossa pele e nosso olhar para esse mundo, impregnados pela força da sensibilidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ADORNO, R.C.F. A trajetória do movimento e da participação: a conduta dos atores sociais na saúde. São Paulo, 1992. [Tese de Doutorado -Faculdade de Saúde Pública da USP]
2. BECKER, H. S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo, *Hucitec*, 1993
3. BENJAMIN, W. "O faneur". In: BAUDELAIRE C.: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo, *Brasiliense*, 1991. (Obras Escolhidas III)
4. CHAMBERS, R. "Rapid rural appraisal: rationale and repertoire. *Public Administr Develop*, 1. p. 95-106, 1981.
5. CHAMBERS, R. Bureaucratic reversals and local diversity. *IDS Bull*, 19(4):50-6, 1988.
6. FEATHERSTONE, M. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo, *Studio Nobel*, 1995.
7. GANS, H. J. The urban villagers: group and class in the life of italian - Americans. New York, *The Free Press of Glencoe*, 1962.
8. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, *Zahar*, 1978.
9. GEERTZ, C. Anti anti-relativismo. *Rev. Bras. de Ciênc. Soc.*, 8(3), 1988.
10. GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo, *Ed. UNESP*, 1991.
11. GLIK, D. & GORDON, A. Focus group for formative research in child survival: an invorian example. *Int'Quant Community Health Educ*, 8: 297-315, 1988.
12. GUIMARÃES, A. Z., org. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro, *Francisco Alves*, 1980.
13. HABERMAS, J. A nova transparência. *Novos Estudos CEBRAP*, (18): 103-14, 1987.
14. HABERMAS, J. A unidade da razão na multiplicidade de suas vozes. *Rev. Bras. Filos.*, 4: 53-86, 1989.

15. HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo, *Loyola*, 1992.
16. HUYSENS, A. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, H. B. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro, *Rocco*, 1991.
17. JAMESON, F. Posmodernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio. *Novos Estudos CEBRAP*, (12), 1985.
18. JICK, T. D. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation. In: MAANEN, J. V., ed. *Qualitative methodology*. Beverly Hills, Sage Publications, 1983.
19. MALINOWSKI, M. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro, *Francisco Alves*, 1980.
20. MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, *HUCITEC/ABRASCO*, 1992.
21. MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. "Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade?". *Cad. Saúde Pública*, 9: 239-62, 1993.
22. SOUZA SANTOS, B. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo, *Cortez*, 1995.
23. OFFE, C. Capitalismo desorganizado. São Paulo, *Brasiliense*, 1989.
24. ROSEN, G. Da polícia médica à medicina social. Rio de Janeiro, *Graal*, 1980.
25. VASCONCELOS, M. P. C., coord. Memórias da saúde pública: a fotografia como testemunha. São Paulo, *Editora Hucitec/Abrasco*, 1995.
26. VAISTMAN, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro, *Ed. Rocco*, 1994.
27. ZALUAR, A. Cidadãos não vão ao Paraíso: juventude e política social. Rio de Janeiro, *Escuta*, 1994.